

*DOSSIÊ***TRAJETO CASA-UNIVERSIDADE:
CONTRIBUIÇÕES DE LÍVIA DE OLIVEIRA****Ismail Barra Nova de Melo²²**

Trilhar um caminho pode ser perigoso, principalmente quando não se conhece o terreno no qual se está pisando; porém, quando se está sendo guiado por alguém que já mapeou o percurso e conhece todos os obstáculos e possui sabedoria, tal caminho obscuro passa a ser seguro, o seu trajeto à noite é facilmente transposto como se fosse dia, a ponte estreita sobre o rio torna-se larga, as pedras pelo caminho são como tapetes, cobrindo o chão para a passagem sem sujar os pés, a mata fechada propicia sombra e frescor, e os animais, mesmo os temíveis, são companheiros. No meu trajeto casa universidade, pude contar com alguém que conhecia não só o caminho, mas também aqueles que por ele passavam. Conhecimento que não era só aparência, mas, acima de tudo, essência. Muitos foram os desvios, mas suas mãos firmes estavam lá para que o retorno fosse seguro, por isso, deixo aqui todo o meu agradecimento a minha orientadora Prof^a. Dra. Livia de Oliveira, que soube, mais que qualquer instrumento de navegação, conduzir-me para o meu objetivo maior. Agradeço pelo seu acolhimento, pela sua paciência, pelos seus ensinamentos e, principalmente, pela sua amizade e generosidade. O meu eterno obrigado (Melo, 2007, p. 5).

Trajetória

O título aqui apresentado já diz, em grade medida, as contribuições que a Dra. Livia de Oliveira teve em minha trajetória acadêmica. Cabe ressaltar que esta contribuição ainda se faz presente, pois desde o primeiro contato com a Dra. Livia de Oliveira na disciplina de Epistemologia e História da Geografia, cursada como discente regular do programa de Mestrado da Geografia da UNESP de Rio Claro 2000, até o presente momento, 2016, estamos

²² Coordenador do curso de Geografia da UFSCar/Sorocaba. Realizou mestrado e doutorado com a Livia entre 2000 e 2007.

trabalhando juntos em pesquisas relacionadas com a percepção ambiental e, mais particularmente, em Cartografia Escolar, como se pode observar pelos diferentes trabalhos apresentados ao longo do texto.

Como se pode observar no título desta apresentação e nos agradecimentos que fiz a ela na minha tese de doutorado, defendida em 2007, este percurso de casa a universidade, mais do que uma metáfora com as representações das crianças que se pede em Cartografia Escolar para colocar o trajeto casa-escola na iniciação cartográfica, representa, sem sombra de dúvidas, a participação efetiva de uma pesquisadora na minha formação acadêmica em todos os aspectos.

O primeiro trajeto representa o percurso de Jaboticabal-SP a Rio Claro-SP, feito todas as semanas de 2000 a 2007, perpassando pelo mestrado e o doutorado sob sua orientação. O segundo trajeto, um pouco maior, é de Jaboticabal-SP a Sorocaba-SP, com a aprovação no concurso público de professor adjunto da UFSCar em 2009. Todo o aprendizado adquirido em anos anteriores foi importante para trilhar este segundo caminho. O terceiro trajeto vai para além das contribuições acadêmicas, trata-se do mais longo dos trajetos, ou seja, da confiança, da solidariedade, da paciência e, acima de tudo, da amizade compartilhada nestes anos todos. Este último trajeto é percorrido com muita alegria e guardado os pontos de referências com sabedoria, pois tive a honra de ter o mapa no qual se encontrava a direção da sua ternura e também a localização precisa da sua imensa sabedoria.

Disciplina Epistemologia e História da Geografia. Ano 2000.

Disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro. Este foi o meu primeiro contato com a ilustre Dra. Livia de Oliveira. Nesta disciplina pude aprender as diferentes concepções das correntes do pensamento geográfico, passando pela escola alemã de Geografia e os seus principais influentes, bem como pelas escolas francesa e brasileira,

entre outras. Estes conhecimentos me ajudaram a trilhar o meu futuro acadêmico, sustentados nas bases da formação da Geografia. Nesta época ainda não era seu orientando, mas pude saborear de forma impar sua atenção e contribuição para a minha trajetória que se iniciava naquele instante.

Dissertação de mestrado: Espaço municipal: governo e orçamento participativo. Ano 2003. Orientação: Dra. Livia de Oliveira.

A minha dissertação versou sobre o orçamento participativo no contexto do Jogo Social proposto por Matus (1996). O Jogo Social é uma metáfora com o jogo lúdico ou desportivo em que facilita a compreensão da vida em sociedade, mesmo com as enormes diferenças que há entre eles. O Jogo Social conta com atores, enquanto o jogo desportivo com jogadores. Jogador é cada indivíduo participante do jogo desportivo. Ator normalmente refere-se a um grupo, mesmo tendo uma liderança, que possui peso político para as tomadas de decisões. O ator sempre possui um centro de poder na qual ele está vinculado. Existem três grupos de atores: atores econômicos, vinculados as empresas; atores estatais, vinculados aos governos e atores da sociedade civil, vinculados a organizações da sociedade. No Jogo Social, diferente do jogo desportivo, não existe condição inicial igual entre os atores, visto que há acúmulos no decorrer da História a favor dos atores hegemônicos. Os jogadores e atores são e possuem fenoestruturas, que se referem as ações realizadas que podem trazer como resultados acumulações ou perdas. Os objetivos dos jogadores são iguais, mas conflitivos. Para os atores os objetivos são diferentes, mas também são conflitivos. Os jogadores não conseguem alterar as regras do jogo (genoestruturas) por meio de suas ações, por sua vez, os atores podem por meio de suas ações alterar as regras do Jogo Social. No Jogo Social há problemas bem estruturados, relacionados aos processos repetitivos, estes são fáceis de serem resolvidos e a sua solução é baseada no conhecimento técnico-científico. Uma vez encontrada a solução não há criação

de outros problemas e também não há muito que questionar. Já os problemas quase-estruturados, relacionados aos processos criativos, não há solução. Neste caso, segundo Matus (1996), faz intercâmbio de problemas, ou seja, troca-se, na visão de cada ator, os problemas de alto valor por problemas de baixo valor. Os problemas quase-estruturados, diferentemente dos bem estruturados, dependem da visão de cada ator para buscar o melhor enfrentamento, logo, estão vinculados com a dimensão sociopolítica. Outra característica de um problema quase-estrutura está no seu desdobramento, ou seja, qualquer medida adotada para a tentativa de sua solução, acaba gerando outros problemas. A maior parte dos problemas existentes na sociedade atual são problemas quase-estruturados. Concluiu-se neste trabalho que o Orçamento Participativo pode ser uma estratégia de cooperação entre o ator-prefeito e a população. Pelo lado do ator-prefeito o Orçamento Participativo diminuiria as demandas da população, visto que há um filtro dos problemas nos setores geográficos. Outro ponto a favor do ator-prefeito é a adesão da população frente ao seu projeto político, dando-lhe sustentação no cenário local frente a outros atores. A população também é beneficiada visto que sua demanda, mesmo que parcial, também é atendida (Melo, 2003).

Artigo: Levantamento sobre percepção ambiental e tecnologia com professores universitários. Ano 2005.

Este artigo elaborado em conjunto com a Livia de Oliveira foi um trabalho para ser apresentado no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA, realizado em Londrina, Paraná em 2005.

O objetivo da pesquisa foi identificar como alguns docentes do ensino superior de diferentes áreas do conhecimento percebem o meio ambiente e a tecnologia. Fizem parte deste levantamento 29 docentes da Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal-SP. Foram 17 (58,62%) das Ciências

Humanas, 05 (17,25%) das Ciências Exatas, 4 (13,79) de Letras e 03 (10,34%) das Ciências Biológicas. Concluiu-se que a maioria dos docentes não percebe o meio ambiente como um todo, ao contrário, predomina uma visão dicotômica separando de um lado a natureza e do outro a sociedade. Outra constatação foi de que a maioria apontou a tecnologia como responsável pela degradação ambiental e não como subordinada ao contexto socioeconômico vigente (Melo & Oliveira, 2005).

Tese de doutorado: Proposição de uma Cartografia Escolar no Ensino Superior. Ano 2007. Orientação Dra. Livia de Oliveira.

A minha tese de doutorado tratou da Cartografia Escolar no Ensino Superior. Desde a pesquisa feita pela Livia de Oliveira (1977) até o ano de 2007, muito já se tinha percorrido na Cartografia Escolar. Prova são os colóquios de Cartografia Escolar que se iniciaram em 1995 em Rio Claro sob a liderança da Livia de Oliveira e da Rosangela Doin de Almeida. Mesmo com estes avanços, Almeida (2001) apontava que ainda havia, naquele momento, dois focos urgentes, um era referente a produção de materiais cartográficos locais e outro era em relação a presença da Cartografia Escolar no ensino superior. Para suprir a lacuna do segundo foco é que nos propusemos a Cartografia Escolar no ensino superior. Inicialmente foi feita uma pesquisa exploratória para verificar a situação da Cartografia nos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia. Constatou-se que pouco ou quase nada havia de diferente entre as ementas das disciplinas de Cartografia nos dois cursos, apontando desta forma, a necessidade de conteúdos da Cartografia Escolar no ensino superior. Pôde-se discutir de forma intensa os diferentes saberes cartográficos, quer dizer, a Cartografia vinculada ao saber acadêmico ou científico, o saber cartográfico a ser ensinado, presente na noosfera e o saber cartográfico ensinado, vinculado as práticas pedagógicas inseridas nas escolas. Estes saberes foram discutidos a luz da teoria da transposição didática proposta por Chevallard (1991). A

Cartografia Escolar figura-se como uma contra-transposição didática. Para discutir a Cartografia Escolar e suas características foi preciso mergulhar nas discussões dos principais autores que realizaram pesquisas com este enfoque. Conclui-se que a Cartografia Escolar prima em levar em consideração o desenvolvimento cognitivo da criança, desta forma, todas as atividades ou produtos devem estar adequados a uma determinada faixa etária, caso contrário, o mapa não cumprirá seu papel. Isso significa dizer que a iniciação cartográfica deve partir de relações espaciais topológicas para se atingir as relações espaciais projetivas e euclidianas por meio de diferentes atividades ao longo da escolaridade. A proposta da Cartografia Escolar no ensino superior teve a preocupação de tornar o futuro professor de Geografia em um pesquisador, desta forma, buscaram-se atividades que permitissem que o formando pudesse ter contato com as diferentes pesquisas realizadas em Cartografia Escolar. Outra preocupação foi o desenvolvimento de atividades cartográficas que permitissem uma ordenação teórica metodológica procurando níveis de desenvolvimento cada vez maiores, ou seja, atividades que respeitavam o desenvolvimento cognitivo dos alunos do ensino básico e que fossem viáveis de serem aplicadas num ambiente com poucos recursos. Todas as atividades tiveram duas vertentes, mas que estavam relacionadas, quer dizer, uma tratava dos aspectos teóricos metodológicos e a outra como cada atividade poderia ser desenvolvida num ambiente escolar. Independentemente da atividade buscou-se partir sempre de uma postura em que o discente fosse o protagonista diante de uma situação problema, desta forma, elimina-se aquela situação apática no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Outro destaque foi a consideração em que a Cartografia sempre foi colocada como linguagem, desta forma, ela deve sempre ser usada como meio no processo de ensino e aprendizagem em Geografia e, portanto, não há um único momento em que se trabalhará com a Cartografia, ao contrário, ela deve estar presente o tempo todo nas diferentes discussões do espaço geográfico (Melo, 2007).

Artigo: Práticas cartográficas e geográficas aplicadas aos escolares do 6º ano. Ano 2011.

Este artigo foi elaborado em conjunto com a Dra. Livia de Oliveira e foi apresentado no EGAL de 2011. O mesmo trabalho foi publicado na Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-16.

Como parte da disciplina Cartografia Escolar, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba –SP, foi planejada uma prática cartográfica e geográfica. **Objetivos** da pesquisa foi desenvolver um trabalho em conjunto com professor da UFSCar, estudantes do curso de Geografia e professora de Geografia da escola do Ensino Fundamental e desenvolver as práticas cartográficas com alunos do 6º ano de uma Escola Estadual da cidade de Votorantim, SP- Brasil. **Metodologia:** as atividades cartográficas compreendem: 1ª Observar e representar a sala de aula; 2ª Observar e construir uma representação da escola; 3ª Observar e interpretar fotografias e mapa do bairro. As atividades foram aplicadas pelos estudantes do curso de Geografia aos alunos do 6º ano dentro da disciplina de Geografia. Estas atividades abrangem: preparo das fichas e dos materiais; registro das dificuldades encontradas (tanto dos alunos universitários quanto dos alunos do Ensino Fundamental). **Resultados:** análises das representações elaboradas pelos alunos do Ensino Fundamental ao longo das atividades, verificando o ensino e aprendizagem das atividades cartográficas e geográficas e também as dificuldades conceituais, procedimentais e atitudinais dos sujeitos envolvidos (Melo & Oliveira, 2011).

Artigo: Cartografia escolar no ensino superior: alguns resultados. Ano 2013.

Este artigo foi produzido junto com a Dra. Livia de Oliveira e foi apresentado no VIII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares que ocorreu na Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.

A Cartografia Escolar, enquanto componente curricular do curso de Licenciatura em Geografia, foi ofertada pela primeira vez em 2010 na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Campus Sorocaba-SP. Até o momento três turmas já cursaram a Cartografia Escolar. O curso de Geografia da UFSCar, Campus Sorocaba-SP, teve seu início em 2009 e em 2012 foi formada a sua primeira turma. A Cartografia Escolar tem a preocupação de formar futuros docentes pesquisadores para que tenham condições de refletir sobre o ensino de Geografia no contexto escolar. Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns resultados alcançados no curso de Geografia que estão relacionados diretamente com as pesquisas em Cartografia Escolar. Neste contexto, as discussões da Cartografia no Ensino de Geografia sempre foram pautadas no seu uso como meio, quer dizer, permeando as atividades do processo de ensino e aprendizagem em Geografia em diferentes circunstâncias. Destacam-se as atividades desenvolvidas por cada turma, três trabalhos de conclusão de curso, uma atividade de extensão e três artigos apresentados no Encontro Nacional dos Geógrafos no ano de 2012 realizado em Belo Horizonte. O interesse de estudantes de Geografia, licenciatura, em pesquisar temas relacionados a Cartografia e ensino é importante para a renovação e ampliação dos estudos em Cartografia Escolar e um meio de aproximar a teoria da prática (Melo & Oliveira, 2013).

Projeto de extensão: Atlas Municipal de Mairinque: Geográfico, Histórico, Cultural e Ambiental. Ano 2016.

Este projeto de extensão foi aprovado, com recursos, pela Pró-Reitoria de Extensão- PROEX, da UFSCar-Universidade Federal de São Carlos, sob o número 23112.001381/201577. A professora Dra. Livia de Oliveira faz parte desta atividade que está em fase de desenvolvimento.

A justificativa para a Elaboração do Atlas municipal de Mairinque: geográfico, histórico, cultural e ambiental é que os materiais didáticos: livros e Atlas Geográficos, principalmente, usados no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar não contemplam os temas do local (município) onde o estudante reside. Isto ocorre porque estes materiais são produzidos por grupos editoriais para atender a demanda nacional, dessa forma, não particularizando o estudo local. Diante deste contexto tem-se como objetivo a elaboração do Atlas Municipal de Mairinque para que este material sirva de apoio didático para a discussão de temas locais de Geografia, História, Cultura e Meio Ambiente. A metodologia deste trabalho deve ocorrer no campo interdisciplinar da Cartografia Escolar com contribuição de especialista da área e professores da rede oficial de ensino e colaboradores. Esse trabalho será norteado pelos princípios da pesquisa-ação em que as atividades do grupo de pesquisadores insiram-se na pesquisa colaborativa, integrando universidade e escola. Público alvo: Professores e alunos do Ensino Fundamental de Mairinque. Dessa forma, propõe-se uma ação maior que envolveria discussão dos referenciais teóricos da Cartografia Escolar e metodologias para a iniciação cartográfica dos educandos que estão em diferentes fases do domínio das relações espaciais: topológicas, projetivas e euclidianas. Com isso, espera-se desenvolver atividades com grupos de docentes separados para que se possa tratar de atividades e discussões para um público específico. Para alcançar tal proposta dividimos as ações nos seguintes itens:

1) Estudo do Atlas Escolar de Mairinque e sua aplicação junto aos alunos da rede oficial de ensino de Mairinque. Nessa primeira fase os estudos e discussões visam claramente um melhor aproveitamento do uso do Atlas Escolar de Mairinque na sala de aula. Para que esta ação seja condizente com as aulas dos docentes deve-se nessa fase planejar, de acordo com a grade curricular existente, o número de aula de Geografia, de História e de Ciências nos dias da semana em que ocorrem, os conteúdos trabalhados nas diferentes séries e a disponibilidade dos docentes.

2) Encontros programados com docentes da rede de ensino de Mairinque com intuito de se realizar a iniciação cartográfica. O uso de multiplicadores nas Unidades Escolares para contribuir com a difusão das oficinas será discutido no momento oportuno. Essa proposta é condizente com a realidade das escolas, já que os docentes contam com uma determinada quantidade de horas semanais para o desenvolvimento de atividades coletivas, conhecido como HTPCS (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo). Nesse horário poderia ser discutido os referenciais teóricos, bem como as atividades práticas que sirvam de ferramentas para a iniciação cartográficas dos alunos, principalmente do ensino fundamental. Tais atividades devem ser aplicadas pelos professores e devem ser registradas por meio de observações que serão posteriormente discutidas no grupo principal. Com isto espera-se atingir um número maior de docentes da rede de ensino de Mairinque. Essa ação está justificada por meio das colocações de Oliveira (1978, p.15), ao colocar que: Os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. “O que ocorre é que os pequenos ‘lêem’ os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não têm significação nenhuma para as crianças”.

3) Encontros programados com docentes da rede de ensino de Mairinque com o intuito de aprimorar a leitura de mapas e outras representações cartográficas. Usando a mesma metodologia do item anterior,

essa ação estaria voltada para docentes que trabalham com alunos que já estão no domínio das relações espaciais euclidianas, ao contrário do anterior que estão nas relações espaciais topológicas, por isso, necessitam de atividades diferenciadas em relação ao primeiro grupo.

Referências

ALMEIDA, R. D. de. **Atlas municipais escolares: integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração**. 2001a Tese (Livre Docência em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: UNESP, 2001.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique**. Grenoble: La Pensé Sauvave Editions, 1991.

MATUS, C. **Adeus, senhor Presidente. Governantes governados**. Tradução de Luís Felipe Rodrigues del Riego. São Paulo: Edições Fundap, 1996.

MELO, I. B. N. de. **Espaço municipal: governo e orçamento participativo**, 2003, 167f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2003.

MELO, I. B. N. de, OLIVEIRA, L. Levantamento sobre percepção ambiental e tecnologia com professores universitários. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, Homenageando Livia de Oliveira, 2005, Londrina. **Anais...**, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2005.

_____. Práticas cartográficas e geográficas aplicadas aos escolares do 6º ano. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, p. 1-16.

_____. Cartografia escolar no ensino superior: alguns resultados. In: VIII Colóquio de Cartografia para crianças e escolares: Para quem e para que Cartografia Escolar: experiência e campos de saberes, 2013, Juiz de Fora. **Anais...** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

MELO, I. B. N. de, **Proposição de uma Cartografia Escolar no Ensino Superior**, 2007, 157f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2007.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e Cognitivo do mapa**, 1977, Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1977.

_____. **Estudo metodológico e Cognitivo do mapa**. São Paulo: USP, 1978.